

JOSÉ DE ALENCAR E MACHADO DE ASSIS, UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA OITOCENTISTA NA VISÃO DE ROBERTO SCHWARZ

Sandra Maria Godinho Gonçalves¹

RESUMO: Este artigo discute a tese de doutorado de Roberto Schwarz sobre a perspectiva sociológica do Brasil no período oitocentista, na qual, o trabalho era baseado no escravo, com latifundiários e uma burguesia ainda insípida. Todavia, a classe intelectual brasileira era influenciada pelas ideias iluministas trazidas pela Revolução Francesa e pela rapidez das mudanças acarretadas pela revolução industrial inglesa. Roberto Schwarz salienta a obra de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na qual ele utiliza personagens como Eugênia, Marcela e D. Plácida para ilustrar o paternalismo e a troca de favores reinante na época. Eugênia e Marcela são criações originárias do precursor de Machado, José de Alencar, que foi o pioneiro a dissecar a ideologia da elite dominante da época oitocentista brasileira,

Palavras-chave: Machado de Assis; paternalismo; elite; oitocentista; iluministas.

ABSTRACT: This article discusses Roberto Schwarz's PhD thesis on the sociological perspective of Brazil in the nineteenth century, in which, the work was slave-based, with large landowners and a still-insipid bourgeoisie. However, the Brazilian intellectual class was influenced by the illuminist ideas brought by the French Revolution, and the rapidity of changes which the English Industrial Revolution entailed. Roberto Schwarz highlights the work of Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, (*Posthumous Memories of Brás Cubas*) in which characters such as Eugenia, Marcela and Mrs. Plácida are used to illustrate the paternalism in exchange for favors that reigned at the time. Eugenia and Marcela are original creations from Machado's precursor, José de Alencar, who was the pioneer in dissecting the ideology of the dominant elite in the Brazilian 1800s.

Key words: Machado de Assis. Paternalism. Elite. 1800s. Illuminists.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu primeiramente como requisito para a conclusão da disciplina do programa de Pós-Graduação em Letras/Ciência da Linguagem, cujo objetivo final era a confecção de um artigo científico. Após considerar os diversos desdobramentos que poderia seguir, constatei que a tese de Robert Schwartz sobre a perspectiva sociológica do Brasil no período oitocentista ainda é atual e recorrente. Roberto Schwarz salienta que a obra de Machado

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação de Letras (PPGL-2013) da UFAM - Estudos da Linguagem. smgg396@hotmail.com

de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na qual ele utiliza personagens como Eugênia, Marcela e D. Plácida para ilustrar o paternalismo e a troca de favores reinante na época. Eugênia e Marcela são criações originárias do precursor de Machado. O artigo salienta que essas personagens foram inspiradas em personagens de José de Alencar, que foi o pioneiro autor a dissecar a ideologia da elite dominante da época oitocentista brasileira.

O período oitocentista é marcado por grandes transformações na Europa e nos países periféricos ainda pertencentes a uma ideologia colonial. Todavia, se na Europa adotou-se o raciocínio econômico burguês, comprometido com a busca eficiente do lucro (KONDER, 2008, pp. 1-3) devido às novas ideias iluministas, no Brasil, a economia ainda era escravocrata. O trabalho era baseado no escravo e a mentalidade da época era que o tempo precisava ser espichado, para encher e disciplinar o dia do escravo (SCHWARZ, 2008, p. 14), num diapasão que não tocava em uníssono com o centro da ideologia liberal europeia. Roberto Schwarz observa esse estado de coisas com muita argúcia.

2. ROBERT SCHWARZ E SUA TESE

Roberto Schwarz nos presenteia com sua tese de doutorado (mais tarde publicada sob o título: *Ao vencedor as batatas*) com a brilhante crítica (que é o capítulo primeiro do livro, intitulado *As ideias fora do lugar*) sobre o Brasil oitocentista, na qual a classe intelectual brasileira no período era liberal, influenciada pelas ideias iluministas trazidas pela revolução francesa e pela rapidez das mudanças acarretadas pela revolução industrial inglesa e, no entanto, a nação não contava com uma classe média relevante.

O desajuste a que o Brasil estava condenado pela máquina do colonialismo só podia ser pensado através do instrumental ideológico elaborado nos próprios centros da ação colonizadora. As ideias, aqui, estavam fora do lugar (KONDER, 2008, pp. 1-3)

As ideias estavam fora do lugar porque nós, brasileiros, longe do progressismo inerente ao período iluminista europeu, dependíamos da escravidão e do clientelismo para participarmos da nova ordem mundial vigente, o capitalismo. Importamos um modelo europeu

² Schwarz refere-se à obra *Capitalismo e escravidão*, de Fernando Henrique Cardoso, de 1962.

de novos valores burgueses completamente em desacordo com o que a vida brasileira conferia, no qual prevalecia o domínio dos ricos latifundiários, a escravatura, o paternalismo, o clientelismo, ou seja, a política de favores. A sociedade brasileira era então dividida em três categorias, a saber: os latifundiários, os escravos e os dependentes (homens livres e pobres).

Se a relação entre latifundiários era clara e bem definida, a relação entre latifundiários e dependentes era guiada pelo favoritismo, conforme Schwarz nos relata. O liberalismo, no Brasil, se convertia em ideologia de segundo grau, ãnuma farsa ideológica (RICUPERO, 2008, pp. 59-69). Tomamos emprestado o que pudesse nos remeter ao primeiro mundo e tudo o mais que nos tornasse civilizados: a decoração, a moda, a arquitetura, mas também ão romance, o sistema parlamentar e as normas jurídicas (RICUPERO, 2008, pp. 59-69), todavia, isso era insuficiente para lançar o Brasil sob a luz iluminista. Somente os fortes e aptos podem sobreviver numa nação capitalista, esta é alusão a que *Ao vencedor as batatas* faz, uma referência à tese do Humanitismo postulado por Quincas Borba, na obra de mesmo nome de Machado de Assis, na qual Quincas Borba conta-nos uma história em que duas tribos lutam por um campo de batatas, mas cujos frutos só abastecem uma das tribos, que não divide as batatas com a outra porque, caso o fizesse, segundo o filósofo, estariam sujeitas a inanição.

As obras de Machado de Assis foram analisadas por Robert Schwarz para dissecar a ideologia da elite burguesa e dominante da época oitocentista brasileira, particularmente. Um exemplo que ilustra sobremaneira este fato é a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de evidente nível estético superior, na qual o narrador (Brás Cubas), um representante da classe dominante, demonstra que ão leva nada a sério e está disposto a não se deter diante de coisa alguma (KONDER, 2008). Assim, os romances de Machado de Assis:

[...] ao mesmo tempo em que incorporam uma dada realidade social, também fazem parte de um conjunto de trabalhos que pretendem criar a literatura brasileira. Os dois desenvolvimentos são mesmo, até certo ponto, complementares. De início, é bastante comum, em literaturas em situação similar à brasileira, traduzir obras europeias, ou então decalcar, sem maiores cuidados, seus enredos num novo cenário, feito, por exemplo, de palmeiras e papagaios. Mesmo quando isso não acontece e os romances desenrolam-se num ambiente urbano aparentemente similar ao europeu, falta veracidade às cortesãs, aos estudantes pobres e aos capitalistas que os povoam, até porque, aqui, cidades, cortesãs, estudantes pobres e capitalistas não são em nada parecidos com os do ãVelho Mundo (RICUPERO, 2008, pp. 59-69)

De fato, os romances de Machado traduziam essa real situação de paternalismo da elite do século XIX, mas não foi de Machado a crítica pioneira. Machado se utilizou do caminho trilhado por José de Alencar, que, de forma ainda incipiente, deixou para Machado essa visão embrionária da diferença de classes e da diferença de universos entre as ideias europeias e as ideias na colônia brasileira, recém-independente. Alencar tentou fundar uma língua literária nacional, a ideia de nação, atacando o público da Corte especialmente depois do fracasso de sua peça *O jesuíta*, exibida aos cariocas no Teatro São Luís, em 18 de setembro de 1875. Alencar, irado, rebateu as críticas escrevendo um artigo enfático intitulado *O teatro brasileiro, a propósito do jesuíta*, como nos reporta Silveira:

Alencar ataca o público da Corte, aos seus olhos, infenso ao tema nacional e com a sua atenção voltada para fora do Brasil. Para Alencar os brasileiros da corte não se comovem com essas futilidades patrióticas; são positivos e sobretudo cosmopolitas, gostam do estrangeiro; do francês, do italiano, do espanhol, do árabe, de tudo, menos do que é nacional. Falar do Brasil, ainda segundo o autor, apenas serve para eleição. Esse cosmopolitismo percebido por Alencar no público carioca, que estava mais sedento das novidades vindas do exterior do que das coisas da sua terra, era especialmente um problema da alta roda, onde se vivia à moda de Paris; e como em Paris não se representam dramas nem comédias brasileiras, eles, *ces messieurs*, não sabem o que significa nacional (SILVEIRA, 2007, pp.1-14)

São de Alencar as primeiras obras cujos personagens refletem o comportamento da camada dominante. José de Alencar buscava sedimentar a nacionalidade brasileira e dela foi seu grande defensor: se o ideário romântico europeu consistia de forças simbólicas como a natureza, a história, a motogênese, os ideais, o sonho, a evasão e a utopia (PEREIRA, 1996), no Brasil, se traduziam em temas como o índio e a natureza local. Pereira faz o seguinte relato:

José de Alencar, que na *Última carta sobre a confederação dos tamoios* critica Gonçalves de Magalhães por ocupar-se, no poema, com um certo Brás Cubas (personagem menor), fala, na sua autobiografia literária *Como e porque sou romancista*, que desejaria fazer-se escritor póstumo, trocando de boa-vontade os favores do presente pelas severidades do futuro. Temos aqui elementos para inferir uma ligação entre a figura fundadora de Alencar e as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra do seu amigo e admirador Machado de Assis, que inaugura uma nova etapa na literatura brasileira (PEREIRA, 1996, pp. 95-122).

Nestas cartas, Alencar, sob o pseudônimo de Ig, critica em Gonçalves de Magalhães, protegido de D. Pedro II, a fraca musicalidade do poema e da narrativa, o descaso com a pouca descrição da natureza brasileira e dos costumes indígenas, conformação estética do poema e o já

existente personagem de Brás Cubas. Vale lembrar que Brás Cubas era o governador da capitania de São Vicente e pretendia promover a colonização mediante a escravidão dos indígenas. José de Alencar se rebelou com a história conjuntural brasileira. Isso tudo serviu de material para a obra de Machado, na qual a escravidão e o favor aparecem como aspectos da sociedade capitalista da época.

No entanto, a despeito de obras idealizadas, como *Iracema* e o *Guarani*, e dos romances urbanos *Lucíola* e *A Viúva*, Alencar adaptou à sociedade fluminense o romance-desilusão de Balzac, que leu apaixonadamente na década de 1850 (PEREIRA, 1996, pp. 95-122), denotando a influência europeia em suas obras e sua atitude louvável de destacar nosso índio. Atitude louvável, mas ainda conservadora, diga-se de passagem.

Alencar deixa essas ideias romancizadas a partir das peças *Asas de um anjo* ou *O demônio familiar*, em que Alencar formula críticas bastante duras ao paternalismo e ao modo de vida da Corte (SILVEIRA, 2007, pp. 1-14). No prefácio de *Sonhos d'Ouro*, Alencar comenta:

Ingrato país que é este. Ao homem laborioso, que sobrepujando as contrariedades e dissabores, esforça por abrir caminho ao futuro, ou o abatem pela indiferença mal encetou a jornada, ou se ele alcançou, não a meta, mas um pouso adiantado, o motejam, apelidando-lhe a musa de industrial! (ALENCAR, 1872)³.

E vai mais longe a sua crítica:

Desta luta entre o espírito conterrâneo e a invasão estrangeira, são reflexos *Lucíola*, *Diva*, *A Pata da Gazela*, e tu, livrinho, que aí vais correr mundo com o rótulo de *Sonhos d'Ouro*. Tachar estes livros de confeição estrangeira, é, relevem os críticos, não conhecer a fisionomia da sociedade fluminense, que aí está a faceirar-se pelas salas e ruas com atavios parisienses, falando a algemia universal, que é a língua do progresso, jargão erriçado de termos franceses, ingleses, italianos e agora também alemães. Como se há de tirar a fotografia desta sociedade, sem lhe copiar as feições? Querem, os tais arqueólogos literários, que se deite sobre a realidade uma crosta de classismo, como se faz com os monumentos e os quadros para dar-lhes o tom e o merecimento do antigo?

Ainda em seu discurso, ele questiona o idioma e os estrangeirismos:

³ Benção Paterna, prefácio da obra *Sonhos D'Ouro* de José de Alencar, de 1872.

Chame-se à *partida* de sarau, à *recepção*, de agasalho; ao *leão*, de janota ou casquilho; aos *salões*, de casas de boa companhia; à *pecadora*, de rameira; à *reunião* de assembléia; aos *círculos*, de roda, *etcetera*.

Em vez de andarem assim a tasquinhar com dente de traça nos folhetinistas do romance, da comédia, ou do jornal, por causa dos neologismos de palavra e de frase, que vão introduzindo os novos costumes, deviam os críticos darem-se a outro mister mais útil, e era o de joeirar o trigo do joio, censurando o mau, como seja o arremedo grosseiro, mas aplaudindo a aclimação da flor mimosa, embora planta exótica, trazida de remota plaga. Sobretudo compreendam os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, inovação que adota o uso, caprichos que surgem no espírito do idiota inspirado: tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimá-lo das fezes que porventura lhe ficaram do chão onde esteve, e apurar o ouro fino (ALENCAR, 1872).

A insatisfação de Alencar com as críticas que recebia, taxando-o de emulador de obras estrangeiras, levaram-lhe a escrever em *Como e porque sou romancista* um desabafo indignado: ãque país é este onde forja-se uma falsidade, e para que? Para tornar odiosa e desprezível a riqueza honestamente ganha pelo mais nobre trabalho, o da inteligência!ö (ALENCAR, 1872)

Aproveitando-se de seu predecessor, Machado apropria-se dos temas já veiculados e escreve a obra *Memória póstumas de Brás Cubas*, onde a volubilidade do narrador coincide com a volubilidade da narrativa e da elite brasileira do século XIX.

Roberto Schwarz, em seu artigo *A Vira Volta Machadiana*, comenta que Machado de Assis corrigiu e superou temas anteriormente abordados por José de Alencar, de quem foi amigo. Machado se utilizou õdessas desigualdades coloniaisö (apenas insinuadas por José de Alencar em obras como *Senhora*, *A pata da gazela* e *Lucíola*, entre outras) que existiam na nossa nação, dita independente e comprometida com a liberdade e o progressoö, e com perspicácia e ousadia submete a narrativa, as personagens e o leitor ao poder, ao desplante, à volubilidade do narrador e ao comportamento daqueles que ocupavam as altas posições em nossa sociedade. E ele o faz com maestria, pois o leitor logo se simpatiza com o narrador (naquela época os leitores eram todos da classe dominante) para somente depois promover a reflexão sobre o perfil da elite brasileira do segundo reinado. Do capítulo *O menino é pai do homem*, da obra de Machado, temos uma passagem que representa bem o tipo desvirtuado do personagem em questão:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de õmenino diaboö; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo,

arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce õpor pirraçã; e eu tinha apenas seis anos. (ASSIS, 2004, pp. 31-152)

E o autor continua suas travessuras do membro da elite dominante no mesmo parágrafo:

[í] e outras muitas façanhas desse jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e, se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade; em particular dava-me beijos (ASSIS, 2004, pp. 32-152)

Ficando assim exemplificado a arrogância e a prepotência como traços fundamentais do caráter do narrador, Brás Cubas, revelando as piores qualidades da sua personalidade, já que estava liberado de possíveis consequências, uma vez que era um defunto autor e pertencente à elite. Ao se identificar com o narrador, o leitor é forçado a encarar o retrato de sua própria miséria humana. (ABAURRE; PONTARA, 2005)

Atílio Bergamini Júnior, em sua tese de mestrado, critica o narrador machadiano no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, iludido a respeito do próprio poder, que representa a elite brasileira do século XIX, volúvel com relação à política, às ideias e à alteridade, no caso, escravos e dependentes. O romance salienta o poder da elite, criticando também o õaparente silenciamento absoluto da alteridadeõ (BERGAMINI, 2009), a decadência das relações de produção escravistas e a não hegemonia do escravismo.

A elite, representada pelo narrador nesta obra de machadiana, despreza as regras cronológicas. Ele passa de uma opinião e atitude a outra, troca de formas e conteúdo, é abusado, õjá que os mortos não escrevemõ, irônico, posto que a dedicatória é para õo verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáverõ, irreverente e provocador, pois, no caso do leitor não gostar do livro, õpago-te um piparote e adeusõ; mas, acima de tudo, ele expõe sua intimidade e seus defeitos de tal forma que nos identificamos com seus deslizes, sua vulnerabilidade psicológica e a classe social a que ele pertence.

Dentre os personagens desta obra, três personagens machadianos exemplificam o paternalismo e a troca de favores do período oitocentista: Eugênia, personagem de *Memórias*

póstumas de Brás Cubas, Marcela, também personagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ambas baseadas em criações anteriores do mestre José de Alencar, e D. Plácida, esta, criação de Machado e também personagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Suas histórias são resumidas a seguir:

Eugênia, a flor da moita, nasceu de Amélia, do romance alencariano *A pata da gazela*, que faz claras referências à estória de Cinderela e a do Leão Amoroso de Fontaine. Alencar se refere a um pé disforme, com evidente delícia, como uma enormidade, um monstro, um aleijão, uma base, uma prancha, uma característica da personagem de Amélia, na qual Machado vai se basear para mostrar em *Memórias póstumas de Brás Cubas* como a classe dominante desprezava aspectos que lhe parecessem menores aos seus olhos, sejam eles a pobreza, o filho bastardo, um defeito, etc. ãEssa aberração da figura humana, embora em um ponto só, lhe parecia o sintoma, senão o efeito, de uma monstruosidade moral, esse pé era cheio de bossas, como um tubérculo, [...] era uma posta de carne, um cepo!⁴

Em seguida, Eugênia, nascida de uma relação furtiva atrás de um arbusto entre Dona Eusébia e o doutor Vilaça, ambos frequentadores da casa dos Cubas, tem um defeito irreparável na perna: é coxa (bastarda e pobre), apesar de sua candura e beleza. A dignidade da moça, superior ao nascimento irregular e à situação precária, não passa despercebida ao velho Brás, que ãsente cócegas de fazer um filho natural à rapariga malnascidaö (SCHWARZ, 1987). Eugênia, dependente do favor (ou paternalismo) da classe dominante para fazer um bom casamento e tornar-se uma senhora distinta e respeitada na sociedade, mas termina pobre, pedindo esmola num cortiço, pois Brás se submete aos desejos de seu pai de casá-lo com Virgília, um casamento bem aceito entre os seus, e tornar-se, assim, deputado. Brás tem um caso rápido com a moça e a abandona. Como Schwarz comenta, para a classe dominante o ãvalor da pessoa depende do reconhecimento arbitrário de algum proprietárioö (SCHWARZ, 1987).

Por fim, a personagem Marcela nasce no romance alencariano *Lucíola*, uma baseada no romance *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho. Machado inspira-se na cortesã Lúcia para criar Marcela, uma prostituta de elite e primeiro amor de Brás Cubas. Lucíola

⁴ José de Alencar, *A pata da gazela*. in *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar. 1959, vol. 1, pp. 599 e 602

apresenta um aspecto da moral burguesa que acredita na transformação pelo amor, mas não a ponto de apagar o passado de cortesã (o mesmo acontece com a apaixonada Marguerite). Uma passagem interessante do romance, quando Paulo dialoga com Lúcia, mostra-se a seguir:

Goza da tua mocidade, é justo; tu podes e deve fazer; mas como só eu venho à tua casa e todo mundo sabe que eu não sou milionário, compreendes que, se isto continuasse, suspeitariam, diriam mesmo, se já não dissessem, que vivo à tua custa! (ABAURRE; PONTARA, 2005, pp. 313-664)

Nesta passagem, na qual Lúcia despreza todos os outros amantes para ficar com o amor de sua vida, o que poderia ser um sinal do amor que Lúcia sentia por Paulo torna-se uma mancha aos olhos da opinião pública, pois a sociedade entenderia que ele podia ser sustentado por ela e seria uma afronta a sua pessoa ã é isso que a protagonista denuncia com palavras fortes e indignadasö (ABAURRE; PONTARA, 2005, pp. 313-664).

Por sua vez, Marcela, no romance machadiano, seria a alegoria para ãrepresentar a hostilidade contra o imigrante luso, que transformou a composição demográfica do Rio de Janeiro após a extinção do tráfico negreiro em 1850ö (GODOI, 2006, pp. 1-17), ãMarcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réisö, afirma Brás Cubas (ASSIS, 2004, pp. 42-152). A cortesã espanhola, irresoluta da decisão tomada de não seguir viagem com Brás até a Europa, já que o lugar lembrava-lhe do pai morto por Napoleão, prefere permanecer na Corte. Brás comenta, em desespero:

[í]Ficando a sós, derramei todo o desespero de meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixara descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe muitos nomes feios, fazendo muitos gestos descompostos. Marcela deixara-se estar sentada, a estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore [í] Marcela esteve alguns instantes a olhar para mim, calados ambos, até que brandamente me desviou e, com um ar enfatiado: Não me aborreça ó disse. (ASSIS, 2004, pp. 43-152)

Apesar da frieza e da soberba ao tratar Brás Cubas, Marcela vem a sofrer as consequências do abandono do paternalismo da elite dominante, uma vez que sofreu de ãbexigasö (varíola), moléstia que a deixou com a pele marcada e precipitou sua decadência. Ela vendera quase tudo o que possuía. Um amante que lhe tinha certo apreço deixara-lhe uma ourivesaria, mas ãa loja era pouco buscada, talvez pela singularidade de ser dirigida por uma mulherö é o pensamento que retrata a perspectiva social de Brás. A personagem sofre, torna-se

õfeia, magra e decrépitaõ e acaba morrendo ao fim da obra õdesejando ter a proteção dos conhecidos de outro tempoõ⁵, numa alusão à política de paternalismo vigente na época. Noutros trechos da obra, essa perspectiva social se repete:

O barão dizia ontem, no camarote, que uma italiana vale por cinco brasileiras (ASSIS, 2004, pp. 88-152).

Tudo se deve dizer: havia no Lobo Neves certa dignidade fundamental, uma camada de rocha, que resistia ao comércio dos homens. As outras, as camadas de cima, terra solta e areia, levou-lhas a vida, que é um enxurro perpétuo. Se o leitor ainda se lembra do capítulo 23, observará que é agora a segunda vez que eu comparo a vida a um enxurro; mas também há de reparar que dessa vez acrescento-lhe um adjetivo ó perpétuo. E Deus sabe a força de um adjetivo, principalmente em países novos e cálidos. (ASSIS, 2004, pp. 106-152)

É o orgulho da servilidade. A intenção dele é mostrar que não é criado de qualquer (ASSIS, 2004, pp. 150-152).

Temos ainda a personagem de D. Plácida, criação original de Machado, pertencente à única classe social da obra que não possui escravos; trabalhadora e filha natural de um sacristão e de uma doceira. Aos quinze anos casou-se com um alfaiate que morreu tísico, restando-lhe a filha e a mãe rabugenta para que ela sustentasse com seus doces e sua costura. õTrabalhava muito, queimando os dedos ao fogão e os olhos no candeeiro, para comer e não cairõ. Na obra, a mãe morreu e a filha fugiu com um sujeito, deixando D. Plácida triste e só. Ela torna-se costureira de Virgília, amante de Brás: õFelizmente, Iaiá me protegeu, e o senhor doutor tambémí Eu tinha medo de acabar na rua pedindo esmolaí õ Mas esse papel torpe de medianeira dos amantes não lhe agrada a princípio. D. Plácida resiste com õlágrimas dos primeiros dias, as caras feias, os silêncios, os olhos baixosõ. Brás comenta:

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. (ASSIS, 2004, pp. 93-152)

E arremata em seguida num tom jocoso e irônico:

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos ó os cinco contos achados em Botafogo ó como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com

⁵ Memórias Póstumas de Brás Cubas, 2004, página 65.

lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo (ASSIS, 2004, pp. 93-152)

Na obra de Machado, o destino foi cruel também com a velha costureira (classe inferior), pois um carteiro, sabendo da pequena fortuna da velha, fingiu-se enamorado dela e celebram as bodas de casamento, para logo em seguida ele fugir com o dinheiro de D. Plácida, que, num final trágico (como era de se esperar da classe trabalhadora dependente), acaba morta como ãum molho de ossos envolto em molambosõ.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses exemplos acima mencionados refletem a relação paternalista capitalista de poder, relação esta na qual vivia o Brasil à época oitocentista, ão favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitorõ (SCHWARZ, 2008, pp. 18-231), as ideias e a cultura estavam dissonantes com o contexto social da época; havia uma cumplicidade e uma tolerância, pois a nação dependia do lucro e do mercado externo; e Machado, utilizando-se das críticas de seu predecessor, José de Alencar, soube retratar magnificamente essa perspectiva social na sua obra-prima, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Para a vida intelectual brasileira existia um nó que pendia entre a escravidão e a ideologia liberal, emancipadora das jovens nações emancipadas da América. Era um sistema de contrassensos que agitaram a consciência teórica e moral do século XIX no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luísa; PONTARA, Marcela. *Literatura brasileira; tempos, leitores e leituras*. Volume único, pp. 1-664, São Paulo: Moderna, 2005.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 4. ed., São Paulo: Moderna, 2004.

BERGAMINI, Atílio. *O narrador iludido: uma leitura das Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Tese de Doutorado, UFRS, Porto Alegre, 2009.

GODOI, Rodrigo Camargo de. O rio lusófono de Machado de Assis: análise da personagem Marcela das Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Revista Eletrônica Cadernos de História*. Ano I, n. 2, pp. 1-17, São Paulo, 2006.

KONDER, Leandro. *Roberto Schwarz por Leandro Konder*. Revista Espaço Acadêmico, nº 86. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/086/86konder.pdf>>, 2008, acesso em maio de 2011.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. Um fabulador da nacionalidade - José de Alencar. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.14, pp. 95-122, 1996.

RICUPERO, BERNARDO. *Da formação à forma: ainda as ideias fora do lugar*. São Paulo: Lua Nova, 73: pp. 59-69, 2008.

SCHWARZ, Roberto. O sentido histórico da crueldade em Machado de Assis. *Novos Estudos* n. 17, São Paulo, SP, maio de 1987.

SCHWARZ, Roberto. *A vira volta Machadiana*. São Paulo, julho de 2004.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed., São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVEIRA, Éder. *A polêmica Alencar-Nabuco e a crise da poética romântica*. IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Associação Nacional de História. Seção Rio Grande do Sul, ANPUH-RS, pp. 1-14, 2007.

Recebido em 13 de junho de 2013.

Aceito em 2 de janeiro de 2014.